



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

**"ahh porque eu gosto muito da doutora" : Um Estudo sobre Gestão de Assédio Adoptada
pelos Docentes da FLCS-UEM, 2021**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau
de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nice Rosária Manhique

Supervisor:

Doutor Baltazar Muianga

Maputo, Maio de 2022



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

"Ahh porque eu gosto muito da doutora": Um Estudo sobre Gestão de Assédio Adoptada pelos Docentes da FLCS-UEM, 2021

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nice Rosária Manhique

Supervisor:

Doutor Baltazar Muianga

O supervisor

O (A) presidente

O(A) oponente

Maputo, aos ____ de _____ de 2022

Declaração de Honra

Eu, Nice Rosária Manhique, declaro que este trabalho de Monografia é da minha autoria e nunca, na sua essência, foi submetido a outra instituição de ensino superior para a obtenção de qualquer grau acadêmico. Tudo o que consta do trabalho constitui resultado da minha investigação pessoal, estando no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

(Nice Rosária Manhique)

Dedicatória

Aos meus queridos pais, Acácio da Conceição Rosária Manhique e Florência Tomás Nhapulo, pelo ensino da vida que sempre visou apreciar o valor da educação. Foram, pois, o meu suporte incondicional ao longo do percurso desta jornada.

À minha querida avó, Verónica Tomás Chelene Nhantumbo, pelos imensuráveis conselhos ao longo da minha formação.

Agradecimentos

A Deus pela vida e protecção, e por ter me guiado até esta fase da minha vida estudantil, eu quero dizer muito obrigada!

Endereço os meus votos de agradecimento ao corpo educativo do departamento de Sociologia, pelo conhecimento transmitido de cariz científico e valorativo. O meu muito obrigada.

Quero ainda deixar enaltecido aqui os meus sentimentos de gratidão ao meu supervisor, Dr. Baltazar Muianga, primeiro, por ter aceite ordenar-me neste longo processo, em segundo, pelo apoio imensurável com a sua grande bagagem de conhecimento, e, por ultimo, pela simplicidade, humildade e inteligência, é de se louvar! O meu profundo obrigada. O seu valioso acompanhamento foi, pois, precioso.

A gratidão é extensiva a todos os docentes que me forneceram informações ao longo da recolha de dados, pois as mesmas possibilitaram a efectivação deste trabalho. Muito obrigada!

Neste rol, vai um agradecimento muito especial aos meus pais, que sempre foram o meu suporte de dia e de noite, os meus maiores mentores, que estiveram presentes ao longo do percurso da minha vida; sempre acreditaram em mim e nunca desistiram de me apoiar em tudo que eu necessitasse até chegar aqui. Muito obrigada, pai e mãe.

Endereço também os meus votos de agradecimento à minha avó Verónica pelos conselhos, sermões e puxões de orelha, pois surtiram em mim o amor pelos estudos. Kanimambo vovó!

Logicamente, aos meus colegas do curso, aos meus companheiros da trincheira, encaminho a minha gratidão pelo apoio e suporte no aprimoramento da matéria.

A todos os meus tios e tias, como não podia deixar de ser, agradeço pelos conselhos e encorajamento. Muito Obrigada.

Ao meu irmão Djelton Tomás Manhique, obrigado por acreditar em mim e por me apoiar sempre com conselhos e orações. Kanimambo Djedje.

Por último, mas não menos importante, a todos os meus amigos, presto os meus votos de agradecimento pelo apoio que me foi concedido, sempre que fosse necessário, em especial Edilson Manguel e Alcía Balate. O meu muito obrigada.

Resumo

O presente estudo constitui uma análise sobre as estratégias de gestão de assédio sexual adotadas pelos docentes para proteger-se do assédio sexual protagonizado por estudantes. O nosso quadro teórico está focalizado na teoria fenomenológica de Alfred Schutz. Em termos metodológicos, recorreremos à abordagem qualitativa, tendo como métodos de abordagem o indutivo, o método de procedimento monográfico e a entrevista semi-estruturada para permitir a recolha de dados. Entrevistamos dez (10) docentes da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, dos quais sete (7) do sexo masculino e três (3) do sexo feminino. Na pesquisa, constatámos que o assédio sexual é uma realidade no contexto académico e, por esta razão, os docentes adoptam diferentes estratégias para sua gestão. Os professores do sexo masculino apontaram que se torna fácil realizar a gestão do assédio sexual, quando a vítima é um homem, embora este fenómeno seja constrangedor. Assim, de forma geral, as estratégias adoptadas pelos docentes para realizar a gestão do assédio sexual resumem-se na imposição de limites, diálogo com os estudantes e valem-se da “vantagem de ser homem”.

Palavras-chave: *Assédio sexual; gestão de assédio.*

Abstract

The present work aimed to analyze the sexual harassment management strategies adopted by teachers to protect themselves from sexual harassment carried out by students. We chose the phenomenological theory of Schutz. We used the qualitative approach, the inductive approach method and the monographic procedure method and the semi-structured interview. We interviewed 10 teachers from the Faculty of Letters and Social Sciences, seven male and three female. From the data collected, we found that sexual harassment is a reality in the academic context and that teachers use different strategies to manage sexual harassment. Male teachers pointed out that despite being an embarrassing phenomenon, it is easier to manage sexual harassment when the victim is male. In general, the strategies adopted by the teachers are imposition of limits, dialogue with students and using the “advantage of being a man”.

Keywords: *Sexual harassment; harassment management.*

Índice	
Declaração de Honra	iii
Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Introdução	3
Capítulo I. Revisão da Literatura	5
1.3. Problema de pesquisa	13
Capítulo 2. Quadro teórico e conceptual	15
2.1- Enquadramento teórico	15
2.2- Enquadramento conceptual	17
2.2.1- Assédio sexual	17
2.2.2 Gestão de assédio	18
3- Metodologia	19
3.1- Método de Abordagem	19
3.2- Método de procedimento	19
3.3- Técnica de recolha de dados	20
3.4-População/Amostra de estudo	20
3.5. Questões éticas	21
3.6. Constrangimentos do Trabalho de Campo	21
4. Apresentação e análise dos dados	22
4.1- Perfil sócio-demográfico dos entrevistados	22
4.3 – O Significado do assédio sexual no contexto académico	24
4.4 – Experiências do assédio sexual no campo académico	27

4.5 – Estratégias adoptadas pelos docentes para gestão do assédio sexual	32
4.5.2. Imposição de limites	34
4.5.3. Diálogo com os estudantes	336
4.5.4- “A vantagem de ser homem” e a gestão do assédio sexual.....	37
5- Considerações finais.....	41
6- Referências Bibliográficas.....	43
7. Anexos	47

Introdução

A temática sobre assédio sexual possui várias abordagens e é um fenómeno que abrange a sociedade em diversas vertentes. Por esta razão, este termo “assédio sexual”, embora tenha surgido na década de 1970, é disposta de forma complexa, pois não possui um conceito ou caracterização universal no âmbito social e tampouco no jurídico, levando cada país ou região a ter uma concepção própria do que é a ideia de comportamento libidinoso, proibido, indesejado, e forçado que traz prejuízo a vítima (Carstensen, 2016).

Como esta pesquisa constitui uma análise sobre as estratégias que os docentes adoptam para proteger-se do assédio sexual protagonizado pelos estudantes, passamos por compreender o significado de assédio sexual na concepção dos docentes; identificar as experiências sobre o assédio sexual por si vivenciadas e compreender a sua percepção acerca do assédio sexual protagonizado pelas estudantes.

Para a escolha deste tema em estudo, guiamo-nos em dois factores motivacionais: primeiro, no processo de revisão da literatura aferimos que a maioria dos estudos já realizados tem abordado o assédio sexual numa outra vertente, ou seja, destacando a estudante como vítima deste fenómeno, por um lado, e o docente como protagonista desta acção, por outro; em segundo, algumas acepções de estudos feitos, que abordam a existência de assédio sexual contra docentes, não detalham esta questão com profundidade. Neste contexto, achamos relevante realizar o estudo sobre o assédio sexual numa vertente em que os estudantes, tanto do sexo masculino como feminino, são protagonistas desta acção, e os docentes de ambos os sexos são as vítimas.

Procuramos, pois, perceber se os docentes têm a noção de serem vítimas de assédio sexual, uma vez que a maioria dos estudos os coloca como protagonistas deste fenómeno. Desta feita, é preponderante conhecermos que estratégias de gestão eles usam e que postura têm adoptado perante esta situação, recorrendo-nos a bases científicas, para demonstrar que existem casos de assédio sexual cuja vítima é o docente, embora seja uma situação extremamente incomum de ouvir-se na sociedade. Pois, na maioria das vezes, o docente beneficia-se da sua hierarquia para praticar esta acção que constrange os indivíduos de forma directa ou indirecta.

Estruturalmente, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: em primeiro, temos a introdução onde se apresenta a delimitação espacial e sistemática; em segundo, a revisão da literatura na qual afiguram as discussões de diferentes autores em relação à temática em estudo; em terceiro, a justificativa de modo a apurar-se as causas da escolha do tema, a formulação do problema, a pergunta de partida e os objectivos da pesquisa; em quarto, o quadro teórico e conceptual onde se debruça a teoria e os principais conceitos usados no trabalho; em quinto, a metodologia onde estão patentes os métodos e as técnicas; em sexto, a apresentação e análise dos dados recolhidos; e, na última parte do trabalho, estão presentes as considerações finais, as referências bibliográficas e anexos.

Capítulo I. Revisão da Literatura

A questão do assédio sexual no contexto universitário é uma temática que tem vindo a suscitar vários debates por parte da sociedade como também por parte dos estudiosos de diversas áreas. Interessou-nos trazer as literaturas que abordem a questão do assédio sexual no geral para melhor compreensão deste fenómeno e poder delimitar o nosso campo de estudo. Ao longo da discussão foram apresentadas as seguintes abordagens: (i) assédio sexual vertical descendente e (ii) assédio sexual horizontal e vertical ascendente.

Cada uma das abordagens referidas procura trazer diferentes estudos relacionados com a questão do assédio sexual em diversas vertentes num período espaço-temporal.

1.1-Assédio sexual vertical descendente

O assédio sexual descendente possui a forma mais comum e recorrente de assédio, pelo facto de o superior hierárquico usar de suas prerrogativas directiva e disciplinar inerentes ao cargo como pretexto para agir de forma abusiva com o intuito de coibir o indivíduo visto como subordinado (Alkimin, 2006).

Rampazo e Teixeira (2017) focam o assédio sexual como uma gama de actos e comportamentos de natureza ofensiva.

O assédio sobretudo sexual é o tipo mais invasivo e que mais causa danos na pessoa agredida; neste tipo de assédio estão envolvidos comportamentos de carácter sexual, que podem ser de forma verbal, não verbal e física, com o propósito de constranger e perturbar a vítima, com fundamento em sexismo. O agressor engradece-se na medida em que rebaixa o outro, sem sentir-se culpado ou que esteja fazendo algo de errado, constituindo este o lado mais perverso deste fenómeno. (Rampazo e Teixeira, 2017).

Contudo, existem vários factores que contribuem para a promoção das situações de assédio, dentre eles, destaca-se a existência das desigualdades de género. Este factor permite que haja a desvalorização simbólica e objectiva do lugar ocupado pelas mulheres. Portanto, a natureza hierárquica das organizações potencia situações de assédio moral e sexual, na medida em que determina acessos desiguais a recursos, poderes, autoridade e prestígio (Torres et al., 2016).

O assédio sexual, geralmente tendo como vítima a mulher, verifica-se quando o sujeito abusa de sua condição hierárquica superior e, pretendendo obter favorecimento sexual,

insiste e pressiona a vítima para alcançar o seu objectivo. Como problema de género, este fenómeno é revelador das relações de poder entre os homens e mulheres envolvidos, notadamente as hierarquias e constrangimentos socialmente legitimados cujas formas e abordagens são variáveis (Fukuda, 2012). Na maioria dos casos, o sujeito activo do comportamento configurador do assédio sexual é o homem e as mulheres são afectadas, embora possa ser o contrário, mas em proporção muito menor (Pamplona Filho, 2005).

Segundo Safioti (2015), como as mulheres não têm *phallus* (poder, representado pelo pénis), a sua sexualidade é difusa e qualquer área do corpo ou do comportamento pode ser erotizada. Ademais, há áreas e comportamentos que são mais facilmente identificados como erotizáveis, sendo, portanto, mais levemente reconhecidos como objecto de assédio, enquanto outros integram a grande área cinzenta da interpretação.

De acordo com a Human Rights and Equal Opportunity Commission (2008), a política deve explicar que o assédio sexual não é um comportamento baseado em atracção mútua, amizade e respeito. Se a interacção for consensual, bem-vinda e recíproca, não é assédio sexual. Tanto os homens assim como as mulheres podem sofrer assédio sexual no trabalho, mas é comumente experimentado por mulheres. No entanto, qualquer indivíduo pode sofrer assédio sexual de alguém do mesmo sexo. Este fenómeno, independentemente do sexo, é proibido; uma pessoa pode fazer uma reclamação se for assediada por alguém do mesmo sexo. A orientação sexual também é irrelevante para uma queixa de assédio sexual, ou melhor, se as lésbicas ou os gays forem submetidos a uma conduta indesejada de natureza sexual, podem fazer uma queixa de assédio sexual.

Todavia, a existência de discriminação, ou seja, o tratamento diferenciado que é dado a rapazes e raparigas, que espelha e transmite a estrutura de poder entre os dois sexos, está associada, por um lado, a naturalização da desigualdade e, por outro lado, a um ensino autoritário e arbitrário (Osório, 2007).

Na óptica de Freitas (2001), o assediador sexual socorre-se a peças rasteiras como revistas ou publicações pornográficas, gestos e palavras obscenas, insinuações de humor duvidoso e maldoso, propostas de erotismo sujo. O assédio sexual é um caso que provoca tristeza, revolta e indignação. Entristece pelo seu lado patético, pequeno, mortal, miserável; revolta pela facilidade com que ocorre e provoca indignação pela impunidade que o cerca. A prática do assédio sexual ainda encontra suporte no

preconceito, na desinformação e na mentalidade machista impressos nos valores sociais. Os pressupostos de que algumas vítimas fazem por merecer o que lhes acontece ou há sempre uma ponta de provocação por parte da assediada tornam a mudança muito mais lenta; faz-se acreditar à pessoa agredida que a sua reputação ficará manchada e não a do agressor; que é ela quem deve envergonhar-se e que será ela o objecto de censura e de desaprovação social.

Para Paixão et al. (2013), o termo assédio expressa o sentido de insistência inconveniente de certa perseguição em relação a outrem. A principal maneira de assediar é continuar a se manifestar amorosamente ou se manifestar de maneira inadequada a um parceiro que está apresentando sinais de desconforto e rejeição como reacção a essas manifestações.

"Constranger pode significar compelir, coagir, obrigar, forçar, determinar, impor algo contra a vontade da vítima, mas também pode ser o acto de causar um embaraço sério (de incomodar) " (Fukuda, 2012, p.125).

Contudo, para Mackinnon (1987) *apud* Rampazo e Teixeira (2017), o assédio sexual não tem a ver com sexualidade, mas sim com dominação e poder. Paludi (1990) *apud* Rampazo e Teixeira (2017), destaca que o assédio sexual tem relação com a dominação e competição entre machos.

A vítima de assédio sexual vê-se submetida a constante *stress* sofrido em silêncio, na maior parte das vezes, seja por medo ou por vergonha. Esta situação pode agravar as chances de desenvolvimento de problemas psicológicos, visto que o não enfrentamento da causa de um estresse, aumenta os riscos de padecimento de ansiedade ou depressão (OMS 2001, p.12 *apud* Lima 2017). Ainda nesta perspectiva, os transtornos psicológicos, que podem surgir no trabalhador vítima de assédio sexual, têm o condão de gerar incapacidade para o trabalho temporário ou permanente, o que pode variar a depender das peculiaridades de cada pessoa; Além de afectarem a vida profissional das vítimas, podem produzir impactos nas relações familiares e sociais, reduzindo a qualidade e bem-estar do trabalhador (OMS 2001, p.12 *apud* Lima 2017).

Por isso, o assédio sexual pode conduzir a vítima a isolar-se, quase sempre por medo de represálias ou por receio de haver prejuízos contra a sua reputação, proporcionando-lhe passar por grande ansiedade.

Freitas (2001) acrescenta ainda que o assédio sexual e moral eram confundidos como um modismo; a sua prática não é nova, a novidade é a busca de discussão de punição, de criminalização; com muito trabalho, as mulheres dedicaram-se para conseguir ampliar a sua participação no mercado e, quanto mais aumenta a sua participação no mercado do trabalho, cresce também a sua exposição ao risco. As situações de assédio sexual geralmente não se tratam de relações entre iguais, entre pares, ou seja, têm acontecido entre desiguais, pois um dos dois elementos (homem/mulher) da relação dispõe de formas de penalizar o outro lado. O que é proposto no assédio é, portanto, uma relação sexual para evitar inconvenientes na relação de trabalho.

As pessoas, dentro das organizações, são ainda seres sexuais, com desejos e fantasias. É impossível dessexualizá-las mesmo quando se usa um ambiente asséptico e estéril como no caso das organizações. O que está subjacente a essas ideias é alguém recorrer às suas prerrogativas, à sua posição na organização e aos instrumentos que domina, para chantagear com fins pessoais. Desta forma, as organizações podem desenvolver políticas capazes de inibir esse tipo de prática, não apenas por uma questão de respeito humano, mas também porque este tipo de comportamento produz resultados nocivos palpáveis para si, sendo então a questão do assédio sexual um problema organizacional (Freitas, 2001).

As vítimas de assédio estão inseridas em grupos considerados maioritariamente minoritários, como por exemplo, as mulheres que trabalham em empregos vistos como masculinos, minorias raciais e minorias sexuais, como pessoas com uma orientação sexual diferente. Nesta óptica, os estudantes e os funcionários das faculdades podem também ser considerados grupos vulneráveis, uma vez que podem estar sujeitos, de uma forma constante, a contacto físico, a alguém que é seu superior hierárquico e serem obrigados a lidar com estes comportamentos da forma mais pacata possível, como se nada tivesse passado.

Nestes casos, as pessoas que são assediadas incorrem a não ver uma alternativa, senão materializar o que lhes for exigido, pois o protagonista do assédio encontra-se numa posição hierárquica superior à sua (Quina & Carlson, 1989 *apud* Melo, 2019).

Alves (2018) assevera que a vítima de assédio é coagida para que preste algum favor sexual por estar hierarquicamente em posição inferior ao violentador. Quando a vítima é constrangida ou tem o seu corpo violado por ser de género feminino, o assédio ocorre

por conta do preconceito de género. Neste estudo, então, a autora comprovou que assim como em outros espaços da sociedade dentro do ambiente escolar as mulheres também são as maiores vítimas de assédio sexual em relação aos homens.

No contexto escolar, o conceito de assédio sexual que ocorreu na década de 1970, começou a ser comumente usado na década de 1980 e a sua discussão no contexto académico também surgiu no mesmo período. Este fenómeno é o resultado de relações de poderes desiguais, no contacto educativo, segundo McKinney (1990, p.42). O assédio fundamenta-se na diferença de poder com base no que é alcançado, como as classificações escolares, e no que é atribuído como o género. Esta diferença de poder influencia, pois, as definições, a frequência e as respostas ao assédio sexual.

No ensino superior, o assédio sexual tem consequências a nível físico, psicológico e profissional para as vítimas, incluindo irritação, raiva, stress, desconforto, sentimentos de perda e impotência e degradação, depressão, ansiedade, gravidezes indesejadas e doenças sexualmente transmissíveis, aumento do consumo de álcool ou drogas, oportunidades de carreira prejudicadas e motivação profissional reduzida (Bondestam e Lundqvist 2020, p.8-9 *apud* Amorim 2021).

Quanto à força socializadora, no contexto da construção dos papéis sociais de raparigas e rapazes, tanto no meio escolar restrito como no sistema de ensino realizado principalmente na relação docente-aluno como na família, permite uma construção identitária em conformidade com a ordem social e cultural dominante (Kaufman, 2005 *apud* Osório, 2007).

No meio académico prevalecem casos de assédio sexual da parte de homem/mulher ou mesmo de docente/estudantes. Este assunto está ligado a questão de género socialmente construída; a mulher recebe um *status* inferior ao do homem, por conseguinte, esta prática continua a prevalecer e a ser vista como normal.

No que diz respeito às representações sobre as raparigas que assediam ou são assediadas e se conformam, a maioria das jovens associa o assédio à moda e a utilização de roupas socialmente condenáveis na escola, mas que podem ser aceites fora desse local (Kaufman, 2005 *apud* Osório, 2007).

De acordo com um estudo feito pela MEPT (2019), o assédio sexual está presente em todas as escolas inquiridas na Cidade e Província de Maputo, evidenciando que se trata

de um problema cujo combate não deve ser adiado. O autor constatou ainda que este fenómeno não é reconhecido por todos os membros da comunidade escolar como um problema. No referido estudo, porém, verificou-se casos de assédio sexual que envolvem o docente e as alunas nas escolas, onde tanto os professores e os discentes do mesmo estabelecimento do ensino são os principais promotores deste fenómeno.

Nesta senda, para Teles et al. (2021), os jovens do sexo feminino defrontam-se com situações do assédio sexual. Nalguns casos, sofrem assédio sexual por conta de troca de favores com o docente para obtenção de diversos benefícios. Em casos de denúncia contra o docente, a aluna não tem protecção. Ela acaba estando desprotegida e sofre ameaças e até mesmo é vista como culpada pelo assédio. Todavia, há casos em que as discentes é que assediam os docentes em troca de diferentes benefícios. Em suma, a mulher em África encontra-se centrada num contexto em que prevalece a dominação masculina; o homem possui mais vantagens em diversas vertentes em detrimento da mulher.

No ambiente escolar, embora existam muitas controvérsias à respeito da caracterização do crime de assédio sexual, pelo facto de a ligação docente-aluna diferir daquela de empregada-empregador, sabemos que está presente uma relação de poder entre os dois sujeitos. Jassen apud Morreira (2016) reitera que *"no caso do docente que assedia sua aluna, ameaçando-a no desempenho escolar, constrangendo-a com a possibilidade de sua reprovação, caracteriza-se uma relação de sujeição autorizada do assédio sexual"*.

Outrossim, quando as mulheres sofrem assédio sexual no ambiente de estudo, o seu rendimento académico apresenta declínio, desmotivação para assistir às aulas, menor atenção nas aulas, notas abaixo da média, troca de orientadores, mudança de curso, transferência para outra instituição de ensino ou até mesmo a desistência. Deste modo, o sucesso profissional e educacional é prejudicado, além de impactar directamente na saúde mental e física das mulheres. (Johnson, Widnall, Benya, 2018).

Relativamente à caracterização dos casos de assédio sexual experienciados por académicos de enfermagem, de acordo com Ramos (2019), os espaços onde ocorreu este fenómeno são dentro e fora dos muros da universidade, mas sempre em locais relacionados. A maioria sucedeu em meio aos eventos da própria universidade. Ademais, há situações de assédio sexual que se materializa durante os estágios. A enfermagem, segundo Colpo, Camargo e Matos (2006), por ser uma profissão ainda

vista como feminina, carrega consigo muitos estereótipos vinculados ao corpo e a erotização da imagem; com isso a figura dessa profissão por vezes é tratada de modo erotizado e depreciativo.

Ainda nesta vertente, os estudantes reportam ser assediadas por docentes que trabalham dentro da faculdade (Reily, Lott & Gallogly, 1986 *apud* Melo, 2019), e também por colegas, o que contribui para a diminuição da sensação do sentimento de segurança dentro do Campus Universitário (Rosenthal, Smidt, & Freyd, 2016 *apud* Melo, 2019). As estratégias que elas mais empregam para lidar com os comportamentos considerados de assédio consistem, maioritariamente, em ignorar o comportamento do agressor (Benson & Thompson, 1982; Cochran, Fraizier, & Olson, 1997 *apud* Melo, 2019) e utilização do evitamento, por exemplo, deixar de frequentar as aulas, mudar de curso ou desistir da universidade (McKinney, Olson & Satterfiel, 1988 *apud* Melo, 2019). As estratégias consideradas menos comuns consistem em contar a alguém sobre o assédio (Benson & Thompson, 1982 *apud* Melo, 2019), confrontar o agressor ou fazer uma queixa contra o mesmo (Reily, Lott & Gallogly, 1986 *apud* Melo, 2019).

Existem algumas realidades que concernem as causas do assédio sexual nas escolas, entre elas destacam-se a falta de maturidade, a falta de capacidade de defesa perante a situação de assédio, a pobreza e a vulnerabilidade económica e a degradação dos valores morais por parte dos assediadores (Action Aid 2008 *apud* Frade 2021).

Existem escolas onde os docentes assediam as raparigas com a condição de lhes atribuir boas notas, mas eles ficam impunes, pois protegem-se uns aos outros (Roque *apud* Frade, 2021). O comité Nacional para o abandono de Práticas tradicionais nefastas à saúde da Mulher e da Criança (CNAPN) refere que em 2018 um grupo de docentes, em Catió afirmou, num encontro de formação sobre práticas nefastas, que "ter relações sexuais com as alunas constitui-lhe o subsídio de isolamento" que o estado não lhes paga. *Ibid*

Na mesma linhagem, Frade (2021) aponta que em Moçambique, nos resultados de um estudo de Bagnol (1996), realizado em Tete, as raparigas entrevistadas do Ensino Primário do segundo Grau (EP2), afirmaram ter repetido a sexta classe, posto que recusaram, por um lado, manter relações sexuais com o docente e, por outro lado, os professores recusavam o seu dinheiro. Exigiam relações sexuais com elas, contrariamente ao que acontece com os rapazes.

O assédio sexual, portanto, ocorre, muitas vezes, de forma sutil, perpetuada por alunos e funcionários e afecta académica e psicologicamente as estudantes (Ferraz, 2017). Quando este fenómeno tem como agente de acção, um sujeito hierarquicamente mais forte, como um docente, os casos são velados e abafados e as estudantes assediadas são assoladas por medo de denunciar e sentem-se desprotegidas.

1.2-Assédio sexual horizontal e Assédio sexual vertical ascendente

O assédio horizontal, de acordo com Alkimin (2006), é exercido entre indivíduos que estão no mesmo nível hierárquico, inexistindo a relação de subordinação. Para Benedito (2019), a melhor forma para tomarmos como exemplo deste facto é o assédio que ocorre entre colegas de trabalho, do mesmo ambiente sem nenhuma subordinação.

Ainda no mesmo diapasão, num estudo realizado por Alves (2018), constatou-se que as meninas assediam os meninos no colégio, como também os meninos assediam as meninas dentro do mesmo colégio. Com base nos dados deste estudo, observou-se que uma percentagem de 10% correspondia aos meninos assediados e 58%, era das meninas assediadas.

Alves (2018) acrescenta que o assédio sexual dentro da escola tem ocorrido com grande frequência entre os adolescentes e este é corriqueiro e naturalizado perante a sociedade, inclusive no espaço escolar.

Em relação à exposição a materiais ou situações pornográficas contra a própria vontade, Souza (2020), com base num estudo que realizou, aponta que na universidade 6,9% das participantes afirmaram que já foram assediadas desse modo. A maioria, correspondente a 64,35%, referiu-se a colegas e outros estudantes como os principais autores desse tipo de assédio sexual.

O assédio vertical ascendente, segundo Hirigoyen (2001), constitui como o menos comum, pois ocorre na situação inversa, ou seja, o assediante é o indivíduo com uma hierarquia inferior, sendo o assediado o seu superior.

Em forma de análise, podemos afirmar que os estudos revistos anteriormente abordam mais casos de assédio sexual onde a vítima é a estudante. São poucos estudos que se debruçam sobre casos de assédio sexual onde a vítima é o docente e os trabalhos que o referem, não o fazem de maneira exaustiva. Por isso, a problemática do assédio sexual é uma questão que deve ser estudada com profundidade. Há necessidade de se debruçar

sobre a outra perspectiva, isto é, em que o docente é colocado como o ser assediado ao longo deste processo. Esta vertente é referida na abordagem do assédio sexual vertical ascendente e é, portanto, a que mais nos interessa neste estudo.

Importa referir que Alves (2018) e Osório (2007), no seu estudo, asseveram que existe o assédio sexual em que a vítima é o docente, porém, esta abordagem é pouco desenvolvida em vários contextos. Tratam-se, pois, de casos raros.

Ainda no mesmo diapasão, Osório (2007) realizou um estudo e conclui que 10% de raparigas violentam os docentes, sendo uma situação que foi reportada por terceiros. Os docentes que sofrem violência sexual nas escolas não reportam os casos por diversos motivos, e as estudantes violentadoras não fazem auto-denúncia.

Numa pesquisa realizada em Maio de 2019 pelo ‘*Talemes Group*’, empresa responsável por recrutamento de executivos, Pereira (2020) constatou que 12% dos homens entrevistados sofreram assédio sexual. Embora as pessoas pensem que somente mulheres sejam vítimas de assédio, a pesquisa citada mostra o contrário, o que possibilita interpretar que tanto homens assim como mulheres podem se valer do artigo 216-A do código penal brasileiro.

Com efeito, constatámos que existem poucos estudos relacionados com esta abordagem. Trata-se de uma vertente que não é comum, por isso adoptamos esta abordagem (assédio sexual ascendente) por forma a analisarmos o assédio sexual num contexto em que a vítima é o docente.

1.3. Problema de pesquisa

Com base nas leituras feitas, aferimos que, em diversos estudos, se aborda mais a questão do assédio sexual praticado por docentes contra estudantes em relação a casos de assédio sexual em que há inversão de papéis.

O assédio sexual em que o docente é a vítima apresenta poucos estudos - é onde está o cerne do problema - e ainda os existentes não abordam este assunto de forma aprofundada, isto é, apresentam limitações nas suas abordagens. A verdade é que pode ocorrer assédio sexual partindo de um indivíduo que não detém poder, como é o caso de uma estudante contra um indivíduo que detém poder (docente).

Quando há casos de assédio sexual contra docentes não se tem efectuado muitas denúncias. Negligencia-se, deste modo, esta questão. No entanto, se certamente a vítima

fosse a estudante, poder-se-ia ter prestado uma denúncia. Há, portanto, a necessidade de se estudar o assédio sexual em todas as vertentes.

Aliado ao exposto acima, constatámos que abordar este fenómeno ainda se afigura a um tabu, pois trata-se, por um lado, de uma situação complexa e, por outro, de um facto de carácter incomum. Por isso, propomo-nos em realizar uma pesquisa exploratória, buscando as estratégias de gestão que os docentes empregam em relação ao assédio sexual, para demonstrarmos que independentemente do género as questões devem ser analisadas com a mesma atenção para poder-se captar os factos.

Desta forma, de modo a procurar compreender esta temática, que detém de lacuna na literatura, tivemos a seguinte pergunta de partida: *que estratégias os docentes adoptam para proteger-se do assédio sexual protagonizado pelos estudantes?*

Capítulo 2. Quadro teórico e conceptual

2.1- Enquadramento teórico

Neste ponto, propusemo-nos a apresentar o quadro teórico que servirá de base para apreensão sobre o assédio sexual protagonizado pelas estudantes contra os docentes.

Ao obedecermos ao princípio de que a teoria é impulsionada pelo problema de pesquisa identificado, realizámos esta pesquisa à luz da teoria fenomenológica de Alfred Schutz.

Schutz busca alguns pontos do seu trabalho na obra de Weber, procurando clarear alguns tópicos, entre eles a significação e a acção, e, em Husserl, analisa a compreensão do significado da acção na vivência da consciência.

De acordo com Schutz (1972), o mundo da vida reveste-se de significação para o homem tanto como mundo a ser conhecido, dominado e transformado quanto como lugar de projectos e acções; o mundo está sujeito a interpretações por parte do homem quotidiano na atitude natural; o mundo da vida não é apenas o mundo natural, mas igualmente o cultural e social, sendo assim o mundo possível de interpretação.

Ainda nesta perspectiva, o autor apresenta o estudo dos factos como experimentados na consciência, mediante acções cognitivas e perceptivas, procurando, deste modo, perceber como as pessoas estabelecem os seus significados no seu quotidiano; onde é esse mundo que cada indivíduo nasce e tem a sua existência. A fenomenologia busca, pois, apreender experiências, vivências, sentidos de significados, percepções, representações.

Segundo Schutz (1979), a teoria fenomenológica resgata o senso comum como dado de análise. Assevera ainda que as percepções do senso comum são importantes para os indivíduos, procedendo através da redução fenomenológica. A redução fenomenológica, de acordo com o autor, seria o processo pelo qual o indivíduo suspende todos os seus julgamentos e descreve de forma fiel os fenómenos, tais como eles são, como eles se destacam na vida quotidiana dos indivíduos.

O modo de orientação dos indivíduos é estimulado por proposições dadas por outros que lhes antecedem, a hereditariedade cultural. Esta teoria procura atribuir significados às acções que os indivíduos exercem no dia-a-dia (Schutz, 1979).

De igual modo, Schutz (1979) aponta ainda que toda experiência e interpretação do mundo quotidiano se baseiam num estoque de experiências anteriores a ele, as nossas

próprias experiências e aquelas transmitidas pela educação. Todas elas funcionam como um código de referência, e como tal, servem-nos como orientação, e aparecem sob a forma de um conhecimento à mão.

Um estoque de conhecimento que serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que virão (Schutz, 1979b, p. 74).

A este estoque de conhecimento, como ressalta Schutz (1979b, p.72), pertence ao nosso conhecimento de que o mundo em que vivemos é um mundo de objectos bem delimitados, com qualidades definidas, objectos entre os quais nos movimentamos, que nos resistem, e em relação aos quais podemos agir.

Assim, com base neste estoque de conhecimento, os docentes poderão partilhar as experiências que obtiveram ao longo do seu percurso de ensino em relação às estratégias que adoptaram para proteger-se do assédio. É de realçar que este conhecimento serve de mecanismo para que os professores possam partilhar as formas usadas para gerir a situação de assédio e serve também para interpretarem este fenómeno no contexto em que estiverem inseridos; ou seja, através do conhecimento eles poderão identificar as balizas necessárias por forma a saberem como enfrentar esta situação.

Importa referir que esta prática das estudantes se associa a uma acção que pode ter sido influenciada pelo seu quotidiano, na convivência com outros indivíduos à sua volta. À medida que elas protagonizam o assédio sexual, significa que estão conscientes da sua acção, ou melhor, tem conhecimento de que esta acção pode ter um impacto negativo ou positivo.

Em suma, para que os docentes adoptem estratégias de gestão, face ao assédio sexual protagonizado pelas estudantes, é preciso realçar que eles recorrerão à sua experiência, já que foram vítimas deste fenómeno.

Os docentes, tendo sido assediados por uma estudante no seu quotidiano, face ao seu trabalho, buscam estratégias para proteger-se desta acção praticada. Face a este cenário, terá sido possível captar as suas vivências que se verificam no seu quotidiano, em relação ao assédio sexual, e as mesmas permitiram-lhes perceber as estratégias que

adoptam para gerir esta situação. Este facto criou a possibilidade de compreender o significado que eles atribuem a esta acção.

Foi, portanto, imperioso analisar a forma como os docentes interagem não só entre si mas também com as estudantes de maneira a compreendermos a convivência estudante-docente que contribui para a existência do assédio sexual, de modo a identificar os sinais que demonstram que seja uma situação deste fenómeno.

2.2- Enquadramento conceptual

Nesta etapa, definimos e operacionalizamos os dois pertinentes conceitos que sustentam este trabalho para a interpretação do fenómeno identificado. Bourdieu (1983) assevera que a Sociologia é uma ciência conceptual, isto é, alia-se a um conjunto de conceitos por ela criada, que com os quais apreende uma realidade, um facto social. Assim, temos, como referencia, os seguintes conceitos: assédio sexual e gestão de assédio.

2.2.1- Assédio sexual

Encontra-se definido sobretudo pelos comportamentos percepcionados como abusivos com o objectivo de intimidar, coagir ou ameaçar a dignidade de outra(as) pessoa(s) (Torres et al., 2016). Os comportamentos percepcionados configuram, assim, uma série de actos revelados por meio de palavras ou atitudes de carácter social e que se demarcam por não serem pretendidos pela pessoa a quem se destina (Magalhães, 2011).

Este conceito apresentado serviu de luz para a realização desta pesquisa por ser uma concepção que engloba os aspectos gerais do assédio sexual, todavia não trata de questões hierárquicas.

É digno de realce que a característica essencial do assédio sexual é a de ser indesejado, cabendo a cada individuo determinar que comportamento entende como aceitável e o que entende como ofensivo. A abordagem sexual só se torna assédio sexual se for persistente e desde que a pessoa destinatária tenha mostrado claramente que considera essa conduta ofensiva, embora um único incidente deste fenómeno possa constituir uma impertinência sexual se for suficientemente grave. É a natureza indesejada desta conduta que distingue assédio sexual do comportamento amistoso que é bem-vindo e retribuído (Múrias et al., 2016, p.41).

Ademais, o assédio sexual pode ser visto também como um conjunto de comportamentos indesejados, percebidos como abusivos de natureza física, verbal ou não verbal, podendo incluir tentativas de contacto físico perturbador, pedidos de favores sexuais com o objectivo de obter vantagens, chantagem e mesmo uso de força ou estratégias de coacção contra vontade da outra pessoa (Torres et al.,2016).

2.2.2 Gestão de assédio

Não existe um modelo formal de gestão de assédio, embora os elementos para a construção de tal modelo tenham aparecido detalhadamente em livros e periódicos sobre o tema bem como no código sul africano de boas práticas no tratamento de casos de assédio sexual (Smythe,1998).

Na óptica de Kleine (1998:61), pode dizer-se que o objectivo de qualquer organização deve ser prevenir, se possível, a ocorrência de assédio sexual. Para ajudar a combater o assédio sexual, Fink e Perry (1999:25), Kleine (1998:61), Lightle e Doucet et al. (1992: 36) sugerem que as organizações devem fazer o seguinte: desenvolver uma política escrita aos funcionários, treinar pessoal-chave para reconhecer e corrigir comportamentos que possam ser considerados de assédio sexual e lidar com reclamações deste fenómeno, conduzir uma investigação imediata e imparcial de cada reclamação do assédio sexual e, quando necessário, tomar medidas correctivas que correspondam à gravidade deste facto e sejam suficientemente graves para evitar sua recorrência.

De acordo com Grobler (2003), uma das técnicas de defesa pessoal para a questão de assédio é a técnica de autodefesa. A empresa equipa cada funcionário com as habilidades para chamar a atenção a um colega de trabalho para o facto de que a sua conduta está beirando o assédio sexual e, se não for controlada pode evoluir para este fenómeno. Os funcionários são treinados para pedir ao assediador um potencial que interrompa uma determinada forma de comportamento porque está se tornando inaceitável.

No caso particular deste estudo, definimos gestão de assédio como sendo o processo pelo qual os docentes recorrem para defender-se do assédio sexual, englobando a maneira pela qual eles criam estratégias para evitar que ocorram casos deste fenómeno contra si.

3- Metodologia

Nesta fase, apresentamos os instrumentos que foram utilizados para a realização desta pesquisa e comportam as técnicas, os métodos de estudo e a amostra. É importante reiterar que este trabalho é de abordagem qualitativa. Esta abordagem procura aprofundar a compreensão de problemas, de pessoas e de relacionamentos, abrindo as perspectivas para estudos posteriores (Minayo e Sanches, 1993).

3.1- Método de Abordagem

Como método de abordagem, recorreremos ao indutivo, partindo de um grupo particular para poder tirar conclusões gerais. Este método é responsável pela generalização, isto é, parte-se de algo particular para uma questão mais ampla/geral.

Segundo Lakatos e Marconi (2003:86), a indução é um processo mental que por intermédio do qual, partindo de dados particulares suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas.

Nesta ordem, escolhemos este método, pois o trabalho aborda questões do assédio sexual, porém, partindo de um caso particular, especificamente situação de assédio sexual aos docentes da UEM e, por conseguinte, analisando-o de forma geral. Desta forma, foi imperioso fazer uma conciliação entre a temática abordada e o método de estudo.

3.2- Método de procedimento

Quanto ao método de procedimento, optou-se pelo monográfico que consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. Este método possibilitou-nos compreender os significados que os docentes possuem sobre o assédio sexual, de forma a identificar as estratégias que eles recorrem para defender-se deste fenómeno (Lakatos e Marconi, 2003).

3.3- Técnica de recolha de dados

Quanto à técnica de recolha de dados, propusemo-nos a usar a entrevista *semi-estruturada*, pois permite-nos ter um contacto directo com os entrevistados de maneira a apurar as informações que os docentes assediados possuem acerca de assédio sexual. Estas informações, com base no guião de entrevista, são analisadas para aferirmos as estratégias de gestão que os docentes adoptam para proteger-se do assédio sexual.

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes as circunstâncias momentâneas à entrevista. Este tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (Manzini, 1990:154).

3.4-População/Amostra de estudo

Para a realização deste estudo, houve, como grupo alvo, docentes de sete (7) diferentes departamentos da Universidade Eduardo Mondlane, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, nomeadamente Departamento de Administração Pública, Departamento de Arqueologia e Antropologia, Departamento de Geografia, Departamento de História, Departamento de Línguas, Departamento de Linguística e Literatura e Departamento de Sociologia. Importa realçar que em cada departamento estava previsto realizar a entrevista a dois (2) docentes.

Quanto à amostra, recorreremos a não probabilística intencional. A amostragem não probabilística é aquela em que a selecção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo (Mattar 1996 *apud* Oliveira 2001).

Nesta óptica, procurámos colher informações dos docentes sobre as estratégias de gestão para proteger-se do assédio sexual protagonizado pelas estudantes no contexto universitário.

3.5. Questões éticas

As questões éticas constituem um princípio que deve ser observado na realização de um trabalho científico. Contudo, neste trabalho, tomamos em conta as questões éticas de pesquisa, respectivamente colocar em suspense todos os juízos de valor que o pesquisador tem em relação a uma determinada temática, asseguramos a participação consentida dos docentes, o anonimato e a confidencialidade como princípios éticos básicos na pesquisa, todos os participantes tiveram noção da natureza e respectivamente dos objectivos da pesquisa, não partilhamos a informação disponibilizada pelos participantes com nenhum indivíduo que não fizesse parte do estudo e também observamos a privacidade do entrevistado para que facultassem a informação se quisessem, sem ter que submetê-los a pressão.

Pautamos, pois, por respeitar a imparcialidade e neutralidade de modo a não proferir juízos de valor.

3.6. Constrangimentos do Trabalho de Campo

Ao longo da pesquisa, enfrentamos alguns constrangimentos na recolha de dados.

Numa primeira fase, foi difícil obter a credencial da Universidade Eduardo Mondlane que nos permite ter acesso ao campo de estudo para fazer a recolha de dados, pois a mesma levou muito tempo para ter o despacho.

Depois da obtenção da credencial, na recolha de dados, enfrentamos dificuldades em contactar-nos com os docentes. No processo de recolha de dados, procurávamos marcar, ao telefone, o encontro para a entrevista com os docentes, de acordo com a sua disponibilidade, em contrapartida alguns se esqueciam do compromisso e não compareciam. Noutros casos, marcávamos a entrevista com o docente, no entanto, no momento da sua realização, ele pedia para desmarcarmos para um outro período, nesse caso para uma hora a mais do acordado, alegando possuir pouco tempo.

Há casos em que quando entrássemos em contacto, via telefone, com o docente, para a entrevista, após o período de uma hora, remarçada, o entrevistado alegava estar a caminho, porém não comparecia. Ao insistirmos contactá-lo para aferirmos a sua localização ou para recordá-lo do compromisso, ele poderia barrar a chamada telefónica ou simplesmente não atendê-la.

4. Apresentação e análise dos dados

Nesta etapa, realizámos a análise e interpretação dos resultados obtidos no campo, baseando-nos na teoria fenomenológica de Alfred Schutz. Esta fase divide-se em quatro (4) subfases, respectivamente: i) perfil sócio-demográfico dos entrevistados; ii) visão dos docentes em relação ao assédio sexual; iii) significados que os docentes possuem sobre assédio sexual e iv) as experiências do assédio sexual no campo académico.

4.1- Perfil sócio-demográfico dos entrevistados

No presente ponto, apresentámos o perfil sócio-demográfico dos docentes entrevistados, considerando algumas variáveis tais como: sexo, idade, profissão e nível de escolaridade. No total, entrevistámos dez (10) docentes agrupados em duas categorias sexuais (masculino e feminino), dos quais sete (7) são docentes do sexo masculino e três (3), do sexo feminino. Os docentes entrevistados tinham idades que compreendiam entre os 27-44 anos; especificamente, apenas 1 deles apresentava 27 anos e os outros participantes estavam na faixa etária dos 34-44 anos. Em termos de nível de escolaridade, todos os entrevistados apresentavam o grau de licenciatura e exercem a função de docência e de pesquisadores. Alguns dos entrevistados são casados, outros solteiros, mas havia certos docentes que se encontravam em uniões de facto.

É de realçar que o nosso grupo de entrevistados é constituído por indivíduos adultos com características heterogéneas, embora o maior número corresponda a docentes do sexo masculino. Em relação aos aspectos comuns entre eles, podemos afirmar que todos são docentes jovens e estão afectos na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

4.2 – O que é o Assédio Sexual? - uma visão dos docentes

Neste ponto, procuramos trazer o conhecimento que os docentes têm acerca do assédio sexual perpetrado, neste contexto, por estudantes.

Com base nos depoimentos transcritos abaixo, aferimos que para os docentes o assédio sexual é um abuso, um embaraço, uma insinuação de modo a constranger outrem. Pode observar-se também que os docentes se beneficiaram do seu reportório de conhecimento para constatar esse facto.

Vejamos alguns depoimentos:

Depoimento 1: *"entenderia assédio sexual como um conjunto de práticas, situações que levam um indivíduo a forçar ou embarçar a outra pessoa de forma a fazer com que a vítima do assédio sexual se sinta obrigada a envolver-se sexualmente com o assediador.* (Docente, sexo masculino)

Depoimento 2: *Em termos de entendimento, em relação a assédio, para mim, assédio é uma condição que a pessoa está de ter que aceitar algo ou fazer algo dependendo da posição social ou posição de força da outra pessoa que propõe esse tal acto.* (Docente, sexo masculino)

Depoimento 3: *O assédio sexual para mim, é um acto de uma aproximação de indivíduos quer sejam do mesmo sexo, ou de sexos diferentes nem, sexo oposto. Essa aproximação no sentido de querer pretender alcançar algo que seja mais íntimo entre as pessoa.* (Docente, sexo feminino)

Depoimento 4: *Bom, o meu entendimento do assédio sexual é um comportamento, uma manifestação directa ou indirecta que um indivíduo possa ter em relação a outra pessoa no contexto de trabalho ou num contexto de colegas, mas essa manifestação pode ser explícita ou não, e muita das vezes a pessoa que é assediada pode não estar consciente que está a passar por uma situação de assédio.* (Docente, sexo feminino)

A partir dos depoimentos apresentados, podemos constatar que o assédio sexual é entendido como um fenómeno negativo que provem de diferentes categorias de género. Pode partir de um homem para uma mulher, de uma mulher para um homem ou de indivíduos do mesmo sexo.

Paixão et.al. (2013) assevera que o assédio sexual é aliado a um fenómeno associado a factos negativos. Ainda salienta que este termo expressa o sentido de insistência inconveniente, certa perseguição em relação a outrem.

Ainda nesta perspectiva, verificamos que para os docentes o assédio sexual é entendido como um acto ilícito que pode ser perpetrado de forma directa e indirecta; é um comportamento não ético e a pessoa assediada pode não ter conhecimento de que é vítima deste fenómeno no momento. É, pois, na convivência com outros indivíduos que estes entrevistados puderam perceber que se trata de situações de assédio sexual, através dos comentários e das conversações.

4.3 – O Significado do assédio sexual no contexto académico

Nesta secção, analisamos e interpretamos os significados que os docentes possuem sobre o assédio sexual protagonizado pelas estudantes no ambiente académico.

Apurámos que alguns docentes encaram o assédio sexual como um fenómeno constrangedor. A principal maneira de assediar é continuar a se manifestar amorosamente ou se manifestar de maneira inadequada a um parceiro que está apresentando sinais de desconforto e rejeição como reacção a essas manifestações (Paixão et al., 2013). E, então, percebe-se nesta óptica que o assédio sexual significa um constrangimento pois para além de criar incómodo a vítima, causa desconforto pela persistência que o assediante faz.

A seguir apresentamos alguns depoimentos dos nossos entrevistados:

"isso é constrangedor é verdade, mas falando com muita sinceridade há muitas ocasiões em que eu até acho graça. Acho que pelo aspecto, algumas estudantes eu até costumava dizer; mais vocês são tão crianças, mas porque é que têm esse tipo de atitude. E iam respondendo, não nós não somos crianças já crescemos já não sei quê, mas prontos as vezes em algumas conversas com colegas eu vou partilhando um pouco disso. Vou desabafando. Vou conversando e é uma piada". (Docente, sexo masculino)

No depoimento apresentado, podemos constatar que as acções das estudantes assediadoras são perceptivas pelos docentes, contudo eles as ignoram como se se tratasse de uma brincadeira ou piada. Nesta lógica de ideia, quando se trata de uma acção de assédio sexual de uma estudante para com um docente, pode significar uma piada. Além disso, sendo uma docente a ser assediada, aliando-se ao facto de a sociedade vitimizar a mulher, a sua identidade é vista como estando a ser ferida.

Na visão dos docentes do sexo masculino, o assédio sexual fere o carácter da mulher, todavia causa maior impacto, quando se trata de uma professora como vítima deste fenómeno. Percebe-se aqui que os docentes do sexo masculino se baseiam do estoque de conhecimento que possuem para analisar esta situação. A força socializadora permitiu-lhes, pois, chegar a esta conclusão.

Ainda nesta senda, segue-se um outro depoimento com vista a aferirmos como os outros docentes analisam a questão do assédio sexual:

“É uma situação estranha, comprometedora. Me senti invadida, quando eu entro já na questão de ser um abuso porque a gente procura dar liberdade aos estudantes para se sentirem acolhidos. Tento ser uma docente aberta no sentido de poderem me contactar e esclarecer uma dúvida da disciplina ou de conteúdos passados. Mas me sinto invadida de certa forma. Acontece aí um abuso, porque não só em sala de aulas que a gente sente os olhares de estudantes e a gente não sabe se é admiração, talvez por ser uma docente mais nova; porque a gente tem noção de docente um pouco a moda antiga”. (Docente, sexo feminino)

Em forma de análise, podemos afirmar que, neste caso, a iniciativa da docente ser mais aberta com os estudantes, dando-lhes liberdade de abordar diversos assuntos, trouxe-lhe constrangimentos. Pois, ela sentiu-se abusada e invadida, porque os estudantes não souberam posicionar-se no seu lugar; desrespeitaram-na por ser uma docente de idade menor. Portanto, o tratamento com um pouco de falta de respeito por parte de alguns estudantes para com a docente, no seu quotidiano, ao realizar as actividades de docência, por ser jovem, corresponde a realidade.

Segue-se mais um depoimento, no qual o docente classifica a situação do assédio sexual em termos de significado atribuído:

“Pelo que eu já reparei há casos de, por exemplo, docente ameaçar a estudante de que olha. Se tu não dormes comigo, tu vais chumbar a minha disciplina. Isso é uso de força. Agora, há casos de que ele tem algum envolvimento com a estudante e pronto, ou a estudante o conquista com os atributos físicos que tiver, e acaba se envolvendo com ela”. (Docente, sexo masculino)

Nesta intervenção, constata-se que se denomina assédio sexual, quando um indivíduo usa a força ou poder que predispõe para ganhar benefícios no estudante. Percebemos, nesta óptica, que o entrevistado recorre ao conhecimento que lhe foi transmitido socialmente segundo o qual é comum um docente assediar um estudante devido à sua posição, como sustenta McKinney (1990). Para este autor, o assédio sexual é o resultado de relações de poderes desiguais no contacto educativo.

Além disso, o entrevistado aponta que o assédio sexual pode significar um tipo de conquista que pode ter consentimento ou não da outra parte, ou seja, a estudante pode beneficiar-se da sua postura física (corpo, beleza, um determinado estilo de vestes de roupa) para assediar o docente. Observa-se, portanto, aqui a existência de dois actores,

por um lado, a estudante que assedia e, por outro lado, o docente que é assediado; ambos dão sentido a esta acção.

Vejam os depoimentos:

“É complicado... eu vou misturar do ponto de vista histórico e também aquilo que é meu entendimento pessoal. Eu cresci sem conhecer esse termo de assédio sexual; para nós isso entendíamos como conquista, que era uma tendência natural; isso fazia parte do nosso código genético e social. O homem tentava uma conquista independentemente de qualquer interesse que eu tivesse, fossem de satisfação sexual ou do ego dele próprio. E se a pessoa estivesse com boas condições económicas, teria mais chances de conquistar uma mulher; impressionar e entendia-se que a mulher aceitava ou não ponto final”. (Docente, sexo masculino)

Analisando este depoimento, observamos que o entrevistado recorreu a uma bagagem de conhecimento que ele possui por forma a apresentar o significado de assédio sexual na sua concepção. Nota-se ainda que o entrevistado assume que o assédio sexual parte de um homem para uma mulher. Este posicionamento flui, de acordo com o entrevistado, pelo facto de ter crescido num contexto social onde não se conhecia o termo assédio sexual. Ademais, para ele, o homem é que conquistava a mulher e ela por sua vez aceitava e não existia nenhuma lei que contrariava esta forma de estar no referido período. Observamos, deste modo, um depoimento que está relacionado com a abordagem do assédio sexual descendente, pois que o mesmo constitui o tipo mais comum deste fenómeno. Pois, a acção de assediar a alguém é vista como resultado de uma experiência que caracteriza o quotidiano do homem e, por sua vez, a mulher é considerada como um instrumento passivo.

Após a análise de um depoimento em que o entrevistado acredita que o assediador é o homem pela ordem natural dos factos, vejamos, de seguida, uma intervenção de alguém que trouxe o significado de assédio sexual de acordo com a análise que faz em função do período de tempo e das implicações que advieram.

"A partir dos anos 90 é que se tomou conta desse conceito e isso partiu de um filme que criou uma polémica por mostrar uma mulher com posição de poder na instituição a assediar um homem subordinado dela. No ensino superior, tinha a questão de notas e partia de docente para estudante e ela cedia e transitava as cadeiras, ou tornava-se uma relação de namoro, quer fosse eu casado ou não, desenvolviam uma relação de

parceiros. Mas também envolvia benefícios em ordem natural, em que o docente assessorava, ajudava a aluna, sobretudo estudantes bolseiras, histórias terríveis do tangará. Só que com a emancipação do ensino superior, com a presença dominante das mulheres, pois, estão em maior número no ensino superior; as meninas jamais abandonaram a escola precocemente no primário ou secundário. As mulheres com essa toda coisa de direitos, auto-estima, auto-determinação, o eixo mudou, os docentes passaram a ser a vítima. Os comportamentos mudaram, as posturas mudaram, houve uma inversão na cadeia de valores". (Docente, sexo masculino)

Com base neste depoimento, podemos aferir que o conceito de assédio sexual possui um significado diversificado, em função do género para diferentes indivíduos da sociedade. Este tipo de assédio significa que um indivíduo se beneficia da força que predispõe para assediar outrem como também é visto como um fenómeno que para além de constranger, cria importunação e pode vir a ser realizado por alguém que não detenha de força.

Em suma, de acordo com os nossos entrevistados, o assédio sexual causa mais embaraço quando a vítima é uma mulher, pois esta situação fere com a sua sensibilidade. Contudo, os constrangimentos são menores, quando o homem é a vítima deste fenómeno, porque se supõe que ele pode saber lidar com essa situação. Existem homens que olham para a situação de assédio como satisfatória. Ademais, aponta-se que devido à luta pela igualdade de género, o assédio sexual passou a constituir uma acção desencadeada por ambos indivíduos do sexo oposto, tanto homens como mulheres.

4.4 – Experiências do assédio sexual no campo académico

Nesta secção, focamo-nos em identificar as experiências sobre o assédio sexual, vividas pelos docentes e apresentamos alguns depoimentos para percebermos como as mesmas sucederam.

Inicialmente, começaremos por apresentar os depoimentos de docentes que já foram vítimas de assédio sexual e reiteram isso. Pois, segundo eles, os estudantes assediadores demonstraram de forma directa que tinham intenções com o docente/a. Depois, abordaremos casos de assédio sexual perpetuado por estudantes de forma indirecta.

Vejamos os depoimentos a seguir:

“Já recebi ligações de estudantes, nesse caso foi um que eu considerei o ápice. Atendi, porque na época além de docente eu desempenhava outra profissão que me dava essa liberdade de atender os estudantes e achei que não poderia deixar de atender por ser final de semana, porque achei que fosse algo sério que envolvesse questões de saúde, bem-estar no caso. Quando eu atendi, percebi que o estudante queria marcar um encontro, saber como estou no sentido de marcar um encontro por ver uma abertura. Então fui um pouco taxativa no sentido de eu ser profissional. Tive que ser um pouco rígida com ele, saindo um pouco do meu normal, ser objectiva, clara, que eu sou apenas a docente, colocar limites”. (Docente, sexo feminino).

Analisando o depoimento acima, constatámos que o estudante realizou falta de respeito à docente, só porque ela lhe mostrou abertura para atender questões profissionais. Ao telefonar à docente, até ao fins-de-semana, para abordar assuntos não ligados à academia, como convidá-la para um passeio, demonstra que o estudante quebrou a relação hierárquica docente-estudante.

Nesta senda, é notório que o estudante pretendia conviver com a docente, ou seja, ter um tipo de relação acima do que está estabelecido na relação docente-estudante. Por isso, houve assédio por parte dele.

Embora a entrevistada tenha afirmado que adoptou uma postura mais rígida para com o estudante, colocando-lhe limites para lhe mostrar indignação face a sua atitude, esta foi uma experiência vivenciada, mas afectou a sua personalidade. Pois, a docente agiu com dureza para defender-se e esta forma de estar não constituía a sua normalidade.

Ainda nesta óptica, é notório que a acção do estudante influenciou a docente, ou seja, ela foi obrigada a mudar de postura perante os formandos. Esta experiência trouxe-lhe um impacto negativo, pois deu um significado negativo a esta prática do assédio. Constatou-se que se tratava de assédio sexual, visto que ela tem consciência de como decorre este fenómeno, quais são os sinais que demonstram que é uma situação de assédio, até perceber, então, que estava a ser vítima deste fenómeno. A opção que encontrou foi de colocar uma barreira, baseando-se em estratégias que buscou do seu estoque de conhecimento. O modo de orientação dos indivíduos é, portanto, estimulado por proposições dadas por outros que lhes antecedem à hereditariedade cultural (Schutz, 1972).

À semelhança no que fizemos no depoimento anterior, buscando as experiências que os docentes têm do assédio sexual, faremo-lo a seguir, mas primeiro observando os seguintes depoimentos:

"um estudante do segundo ano, quando era assistente estagiária, trabalhava com alguns docentes na altura, ainda não tinha começado a dar aulas. Então um estudante põe-se a olhar fixamente para mim. Ele sempre fazia isso, toda aula. Cada vez que eu chegava nesse estudante, via que ele está a olhar para mim e isso incomodava-me. Eu mostrei que me incomodava. Geralmente, o corpo humano tem um gesto que tu consegues ver que a pessoa está incomodada com o assunto. Não sei se ele percebeu ou não só sei que chegou um ponto onde eu não olhava para ali onde ele estava sentado. Eu achava que estivesse a dar um sinal de que qualquer que for a investida que ele tentasse fazer, não ia conseguir nada, mas pronto ele não disse nada e continuava."
(Docente, sexo feminino)

"um que foi meu estudante, no semestre seguinte, ele põe-me a mandar umas mensagens muito pessoais, ahh porque eu gosto muito da doutora, admiro muito, quer dizer dava a entender que queria ter alguma coisa comigo. Isso foi via whatsapp. Chegou ao ponto de no perfil, onde as vezes colocasse mensagens, não sei o quê, o nome dele, ele fez uma conjugação do meu nome com o nome dele, no perfil do whatsapp. Então, eu lhe disse; - olha, peço que não mandes mais esse tipo de mensagens, se tem algum assunto comigo que seja estritamente profissional ou ligado ao curso de "XXXXX"; E ele insistiu com essas mensagens até que eu acabei dizendo olha, se continuar assim eu vou levar isto a reitoria". (Docente, sexo feminino)

No que tange aos depoimentos expostos, observa-se que no primeiro caso o estudante assediava a docente com olhares, porém, nunca chegou a apoderar-se das palavras para impor a sua acção. A verdade é que os referidos olhares obscenos não só incomodavam a docente, mas também lhe deixavam intimidada perante o estudante. Por isso, como estratégia para proteger-se desta questão do assédio sexual, ela passou a não olhar mais para o lado da ala em que sentava o referido estudante. Deste modo, podemos referir que a acção de assédio sexual causa incómodo para quem é assediado.

Em relação ao segundo depoimento, observamos um caso de assédio sexual à docente em que o estudante recorre ao uso de palavras. O referido formando directamente afrontou a docente; telefonava-lhe e importunava-a com declarações de amor. Mesmo

ela estabelecendo limites, o estudante continuava aprimorando a mesma prática. Para além de importuná-la com mensagens obscenas, o estudante tirava benefícios dos sistemas de mídia social, concretamente o *whatsapp*, que constitui um aplicativo de conversas, partilha de informações e imagens, para implementar a sua acção. Por exemplo, ele recorreu a funcionalidade de foto de perfil como uma vantagem para a sua prática de assédio, ao colocar uma foto no perfil onde efectuou a junção do seu nome com o nome da docente. Vejamos que mesmo que a entrevistada pedisse que ele retirasse essa informação do perfil, ele não o fazia. Sendo assim, como estratégia para defender-se desta ocorrência, a docente ameaçou o estudante, partindo do princípio que poderia efectuar uma queixa a reitoria, caso continuasse a exercer tais acções.

No caso dos dois depoimentos, podemos afirmar que se trata de situações de casos de assédio sexual em que o estudante efectuou a forma directa. É preciso, porém, realçar que cada um destes protagonistas de acção recorreu às suas estratégias para lograr o seus objectivos: um, por um lado, optou por olhares obscenos, profundamente intimidativos, e, por outro lado, o outro preferiu realizar chamadas, enviar mensagens e até fazer o uso da opção “foto de perfil” no *watsapp* para fazer uma dedicatória à vítima. Nesta senda, percebe-se, portanto, que os indivíduos de diferentes sociedades optam por diferentes maneiras para perpetuar casos de assédio sexual.

Observemos, de seguida, casos de assédio sexual, perpetuado por estudantes, de forma indirecta, mas que, de certa forma, levaram os docentes a concluir que se trata de uma situação deste fenómeno.

Vejamos:

“...por exemplo ahm, há situações em que já entrei para a sala de aula e eu interpretei como assédio de miúdas ficarem a fazer alguns rumores, algumas piadas e não sei quê. Ahm, noutro dia, eu as vezes visto-me com casaco como palitó como dizem os brasileiros, e como mandam as regras de boa educação, quando tu estás de um palitó principalmente num espaço onde tenham muitas mulheres que tu não tenhas intimidade, quando tu queres tirar o palitó, tu tens que pedir autorização, porque se não vão assustar-se a pensar que tu queres te despir. Então, quando eu pedi a tal permissão uma das meninas lá diz, até pode tirar a camisa”. (Docente, sexo masculino)

"havia uma estudante, por acaso, que chegava sempre tarde nas aulas com roupas curtinhas não sei quê. Eu nunca dizia a ela, por exemplo, saia, porque por vezes...

sabes que existe um regulamento pedagógico; nós temos a hora de início das aulas e a hora do fim. E em princípio, se alguém chega 20min a sala de aulas atrasado, perdeu uma grande parte da aula e nem deveria entrar; por vezes nestas situações se tu reages em tirar a pessoa da sala de aula, pode se interpretar que haja algum interesse oculto da minha parte ou algum tipo de perseguição. Eu simplesmente ignorava e deixava que as meninas continuassem a fazer isso. Depois há outros tantos episódios que por vezes usam outras pessoas para fazer chegar algumas mensagens ou outros recados. Acho que é basicamente isso. " (Docente, sexo masculino)

"As vezes é o conteúdo da mensagem, as vezes é a forma como ele lhe aborda. Há uma abordagem que é da relação docente-estudante, mas as vezes você nota que a pessoa já está a sair dessa relação. Quando a pessoa aborda muito do seu aspecto físico, daquilo que ele acha que você tem de belo na sua estrutura física, com a forma como você se veste, elogios em demasia e exagerados em momentos inoportunos. " (Docente, sexo masculino)

Nos depoimentos aduzidos, notámos que as estudantes se beneficiam de algumas piadas, outras dirigiam-se a sala de aulas com roupas curtas com o intuito de assediar o docente. Contudo, a vítima desta acção, optava por ignorá-las e deixava-as entrar na sala de aulas. Nesta óptica, podemos concluir que esta acção das estudantes criava um impacto negativo, pois o docente receava que as discentes pensassem que tinha um interesse oculto. Ele ficava preocupado com sua imagem, por isso não impunha as regras estabelecidas pelo Regulamento Pedagógico da faculdade que consistiam em não permitir que uma estudante com um determinado período excedido de atraso entrasse na sala para assistir às aulas.

Nota-se ainda que a estratégia que algumas estudantes recorriam, para seduzir o docente, consistia em usar roupa curta e chegar atrasada às aulas. Pois, elas acreditavam que o docente podia se sentir seduzido ao ver uma mulher de roupas sexys ou curtas. A nosso ver, este pensamento da estudante certamente foi lhe embutida por influência da sociedade, pelo seu ciclo social; pois, no seu estoque de conhecimento pode prevalecer a ideia de que um homem gosta de mulheres de roupa curta ou que exhibe o seu corpo. Então, esta foi uma estratégia escolhida em função das suas experiências de vida. Este é o significado que elas atribuem as suas acções.

Para finalizar esta secção, é preciso referir que com base nos depoimentos já apresentados, a estratégia mais usada pelos estudantes para assediar aos docentes consiste em uso de mensagens de texto.

4.5 – Estratégias adoptadas pelos docentes para gestão do assédio sexual

Na presente secção, focamo-nos em identificar as estratégias adoptadas pelos docentes para gestão do assédio sexual. Observaremos, primeiro, as estratégias aplicadas pelas mulheres para gestão do assédio sexual e, em segundo plano, as adoptadas pelos homens.

4.5.1. Estratégias de gestão adoptadas por docentes do sexo feminino

De acordo com os dados da pesquisa, constatámos que as entrevistadas procuram demonstrar aos estudantes que estes não devem extrapolar a relação pré-estabelecida para docentes e estudantes. Algumas docentes entrevistadas apontam que fazem uma chamada de atenção aos estudantes que enviam mensagens com intuito de assediá-las e, por vezes, bloqueiam os seus contactos telefónicos.

Verificamos que esta postura da docente parte de uma experiência que adquiriu ao longo do percurso da vida, que lhe fez compreender que as mensagens recebidas, provenientes de um estudante, eram de “erotismo sujo”. Pois, este indivíduo havia proferido palavras obscenas no conteúdo da mensagem com o intuito de assediá-la. Freitas (2001) aponta, por conseguinte, que o assediador recorre a peças rasteiras como revistas ou publicações pornográficas, gestos e palavras obscenas, insinuações de humor duvidoso e maldoso, propostas de erotismo sujo.

Um as outras estratégias de gestão aplicadas pelos docentes do sexo feminino consistem em não facultar o contacto pessoal aos estudantes, mas sim disponibilizam o *e-mail* para manter a comunicação com eles.

Vejamos os depoimentos a seguir:

Depoimento 1: " *você tem que saber que eu sou docente e você estudante. Me liga, me procura quando for necessário e quando for assunto da disciplina, um assunto que eu possa estar te auxiliando a nível da docência. Se continuar assim, eu vou levar isto a reitoria. Eu não quero que continues a mandar esse tipo de mensagens. Então, eu acabei bloqueando o número dele... O outro caso foi de um estudante do segundo ano;*

põe-se a olhar fixadamente para mim. Ele sempre fazia isso; toda a aula então eu não olhava para ali onde ele estava sentado. Eu achava que estivesse a dar um sinal de que qualquer que for a investida que ele tentasse fazer, não ia conseguir nada " . (Docente, sexo feminino)

Depoimento 2: *"Por exemplo, ultimamente eu não tenho dado número de telefone aos meus estudantes, porque são meus números pessoais. Não são da instituição. Eu normalmente lhe dou com o chefe da turma todos dias praticamente que é para avisar aos estudantes alguma coisa; principalmente agora com ensino híbrido, a minha relação com o chefe da turma é muito importante para ele lançar informação para os colegas depois. Aos estudantes que queiram contactar-me directamente, eu recomendo que me mande um e-mail. A vantagem de mandar um e-mail é que as coisas ficam registadas, ficam escritas. Então, eu sempre digo olha, tem um assunto me manda um e-mail..."* (Docente, sexo feminino)

Depoimento 3: *"então, procuro evitar ter encontro com estudantes fora deste recinto, salvo situações de encontro virtual. No princípio das aulas, eu estabeleço regras de convivência. Até onde eu vou até onde o estudante vai, procuro no primeiro encontro dizer quem eu sou o que posso partilhar com os estudantes e peço para eles também partilharem informações útil no processo de ensino e aprendizagem. "* (Docente, sexo feminino)

Nestes depoimentos apresentados, é notório que os entrevistados adoptam estratégias para proteger-se do assédio sexual. No primeiro caso, a docente procurou mostrar ao estudante que existe um espaço para docentes e outro para estudantes; há uma barreira nesta relação e não se pode misturar assuntos de natureza pessoal e institucional. Ela recorreu também à estratégia de ameaça, ao afirmar que se o estudante continuasse a mandar-lhe mensagens de cunho pessoal, ia queixar-lhe a reitoria. Com esta atitude, a docente pretendia intimidar o estudante para que não continuasse a mostrar uma postura inadequada, caso não, incorria a punição pela instância superior devido à prática de assédio sexual.

Comprovamos que através do reportório de conhecimento que a docente possui, conseguiu verificar no olhar de um estudante na sala de aulas a intenção deste de assediá-la. Nesta senda, Schutz (2012) aponta que só é possível conhecer a experiência

significativa dos sujeitos, via conhecimento da intencionalidade, movimento que somente a consciência compete fazê-lo.

É necessário realçar ainda que as docentes aplicam estratégias diferenciadas para a gestão do assédio sexual protagonizado pelos estudantes. Por exemplo, uma das entrevistadas aponta que evita facultar contacto telefónico aos estudantes excepto o chefe de turma. O representante da turma serve como uma fonte de acesso para quem queira entrar em contacto com a docente. Em outros casos, quando um estudante queira abordar de assuntos particulares, a entrevistada recomenda-o a contactá-la por um email. Este é um recurso que lhe ajuda a proteger-se do assédio sexual, já que as conversas ficam registadas; e no caso de alguma insinuação de natureza de assédio sexual, a docente terá provas de ter sofrido tal situação por parte de um estudante.

Ainda nesta perspectiva, num outro depoimento, a docente opta por estabelecer regras de convivência no primeiro dia de aulas e evita manter encontro com os estudantes em locais fora do recinto escolar, excepto se for um encontro virtual.

Em função dos dados obtidos nos depoimentos apresentados, constatámos que a estratégia de gestão de assédio sexual frequentemente usada por docentes do sexo feminino consiste em estabelecer um distanciamento com os estudantes de modo a não abordarem de assuntos de natureza pessoal.

4.5.2. Estratégias de gestão adoptadas por docentes do sexo masculino

Nesta secção, propomo-nos em apresentar as estratégias adoptadas pelos docentes do sexo masculino de modo a aplicarem na gestão do assédio sexual. São três formas que os docentes entrevistados têm recorrido para a materialização da gestão do assédio sexual, nomeadamente a imposição de limite, diálogo com os estudantes e o uso da vantagem de ser homem para fazer a gestão do assédio sexual.

4.5.2. Imposição de limites

Neste tipo de estratégia, os docentes optam por impor limites aos estudantes para estes evitarem assediá-los. Esta imposição caracteriza-se por o docente ser mais rígido para com os estudantes, ou seja, mostra-lhe que não devem extrapolar os limites e abusar da sua liberdade, embora, por vezes, possa haver momentos de extroversão ao longo do

processo de ensino e aprendizagem. Esta é, pois, a estratégia mais usada pelos docentes para a gestão de casos deste fenómeno.

No depoimento que se segue, constatámos o caso de um docente que tem tendências a ser extrovertido com os estudantes na sala de aulas, mas fora dela é mais rígido e sério e, por conta dessa postura é visto como mau por alguns deles. É digno de realce que num momento de extroversão em que haja um diálogo com os estudantes, o docente impõe limites para que eles percebam que não se deve ultrapassar a relação pré-estabelecida entre docente e estudante. Se porventura houvesse espaço para prevalência de falta de respeito e para uma excessiva liberdade nas conversas, ausência de limites, presume-se que os estudantes assediariam os docentes. Deste modo, em função das experiências que o docente foi obtendo no seu percurso de vida académica, olha para a imposição de limites como uma estratégia que surti efeito com vista a evitar o assédio sexual.

Vejamos alguns depoimentos:

"na sala de aulas, converso com os estudantes, rio-me com eles, se houver alguma piada, divertimo-nos com ela mas sempre com os meus limites. Para mim, a ideia é de colocar cada um no seu lugar, porque há estudantes que podem confundir cenários. Então, ser muito aberto, conversar muito, alguns depois começam a misturar as coisas, então eu evito muito. Então, quando estou fora da sala de aulas, alguns dizem que eu sou mau, mas não me acho mau. Não brinco com os estudantes; assim quando estou fora da sala de aulas, cruzamo-nos nos corredores cumprimento". (Docente, sexo masculino)

"Crio um afastamento com as pessoas envolvidas nessa situação de modo que elas percebam que eu não vou me deixar aproximar facilmente de modo nenhum". (Docente, sexo masculino)

"O que eu fiz, foi chamar, mais uma vez, o regulamento pedagógico, indicar-lhe qual é a postura do docente assim como do estudante, e dizer para a pessoa que fora daqui não há nada". (Docente, sexo masculino)

Nos depoimentos apresentados, verificámos que os entrevistados adoptam a estratégia de imposição de limites, por forma a criar um afastamento entre docente e estudante. Os docentes accionam também o regulamento pedagógico para imposição desses limites.

4.5.3- Diálogo com os estudantes

Neste tipo de estratégia, os docentes optam por dialogar/conversar com os estudantes de modo a se inteirarem sobre o real motivo que os leva a adoptarem a postura de assédio. O docente, numa convivência com o estudante, busca compreender se este esteja ou não a enfrentar algum problema de natureza profissional ou de outro âmbito na esfera da vida por forma a relacionar o referido facto com a sua atitude, conforme advoga Davidoff (2001). De acordo com este autor, os conflitos acontecem em situações em que duas necessidades, metas ou interesses, concorrem simultaneamente, fazendo com que uma escolha elimine a outra.

Sendo assim, a escolha que a estudante tomou de assediar o docente pode provocar um conflito, dado que o assediado se sente constrangido e de forma a preservar a sua identidade opta por priorizar o diálogo em detrimento prestar uma denúncia.

"numa situação que eu sofro esse assédio, para além de preservar a minha identidade, enquanto docente eu haveria de sentar com a estudante para perceber o que é que se passa de facto, da mesma forma que as vezes que sentamos ou eu chamo o estudante as vezes, por exemplo, um estudante muito entusiasmado e no meio do semestre perde esse entusiasmo, então alguma coisa esse estudante tem, e muitas das vezes esses problemas revelam-se quer a nível de família, profissionais se forem estudantes trabalhadores e outras questões sociais que possam afectar o estudante. Então, eu penso que a minha atitude seria sentar com a estudante e perceber o que se passa e tentar da melhor forma ajudar essa estudante a superar essa carência, no sentido de explicar que não é pelo assédio que as coisas se resolvem, porque se hoje assedia a mim para resolver um problema, amanhã vai assediar tudo que é pessoa, porque acha que é solução. Eu penso que a conversa para entender a fundo o que é que move a pessoa ao acto do assédio, é importante. Nunca cheguei a denunciar porque os casos que eu mencionei antes não se repetiram; conversámos com a pessoa e percebia. Uma das estratégias para evitar casos de assédio sexual, acho que os estudantes e os

docentes deveriam passar é por um curso de protecção de assédio sexual”. (Docente, sexo masculino)

Nestes depoimentos, constatámos que o entrevistado usa, como estratégia para gestão de assédio, a preservação da sua imagem. Ele não cede espaço à estudante assediadora e nem realiza denúncia, caso contrário estaria a expor a sua imagem. O entrevistado parte do princípio que a existência de algum problema pode determinar que um estudante assedie o seu docente. Por isso, opta pelo diálogo com a pessoa que o assedia de forma a buscar compreender os motivos que levam a pessoa a tal acção. Deste modo, aferimos que a conversa com o estudante assediador é uma estratégia que o entrevistado opta para gestão da situação de assédio. Além disso, o docente entrevistado sugere que tanto os docentes assim como os estudantes deviam passar por um curso que lhes possibilite obter conhecimentos sobre como se proteger em caso de assédio, ou seja, onde aprendam sobre as situações que podem ser identificadas como assédio e que medidas os sujeitos que podiam tomar em caso de serem assediados.

4.5.4- “A vantagem de ser homem” e a gestão do assédio sexual

Neste tipo de estratégia, os docentes recorrem à vantagem de serem do sexo masculino para gerirem a questão de assédio sexual. Pois, aprenderam que o homem tem mais poder que a mulher; a força socializadora possibilita-o a acreditar que a mulher é um ser mais sensível e que não poderia saber lidar com certas, conforme advoga Osório (2007). De acordo com este autor, a existência do tratamento diferenciado que é dado a rapazes e raparigas e, que espelha a estrutura de poder entre os dois sexos, está associada, por um lado, a naturalização da desigualdade e, por outro lado, a socialização para dominação masculina. Bourdieu (2002), ainda na mesma senda, salienta que a dominação masculina é uma violência simbólica suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância do sentimento.

De acordo com Bourdieu (1989) o poder simbólico é fundamentalmente, um poder de construção da realidade, confirma ou transforma a visão do mundo, e, só se exerce se for reconhecido, ignorado como arbitrário; este poder se define numa relação determinada, entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos. Por sua vez,

Foucault (2011) aponta que o poder não existe enquanto coisa, ele é um funcionamento, um mecanismo, a partir dos regimes de verdade estabelecidos, o poder mais se exerce do que se possui. Para o autor, as relações sociais são sempre de poder, pois estas não se localizam apenas entre o Estado e os cidadãos mas se aprofundam dentro da sociedade ao nível dos indivíduos.

Nesta senda, para Bourdieu e Foucault o poder deve ser entendido como uma estrutura de relações que distribui os indivíduos em posições hierarquizadas, definindo acessos desiguais a recursos sociais estratégicos. A estrutura é envolvida por uma luta simbólica que faz com que ela se apresente aos atores sociais tanto dominados como natural. (Perissonotto, 2007 *apud* Rosa, 2017)

De igual modo, percebe-se, com base no depoimento a seguir, que o entrevistado olha para a desigualdade de género como um mecanismo que influencia a questão do assédio sexual, pelo facto de se herotizar o ser feminino. A existência das desigualdades de género é um factor fundamental para promover situações de assédio, porque permitem a desvalorização simbólica e objectiva do lugar ocupado pelas mulheres (Torres et al., 2016). Assim, as desigualdades de género conferem ao homem um certo poder e capacidade de gerir melhor as situações de assédio sexual.

Vejamos o depoimento a seguir:

"Para os homens, eu acho que é um pouco mais fácil de gerir isso. Não estou a ter nenhum discurso machista, nem nada, mas eu penso que os homens conseguem gerir mais, porque eu não estou a ver uma condição de ver uma docente a passar por actos de assédio de estudantes. A forma como eu ia gerir, se fosse mulher, eu penso que em ponto de vista de constrangimentos, por vezes, é pior reparando para as mulheres, por vários factores: questões da própria identidade, da honra das mulheres, etc. Elas acabam sendo feridas, porque se alguém tem uma intenção de ter uma relação mais íntima com outrem, e mesmo do ponto de vista das posições hierárquicas ou das relações docente-estudantes são relações completamente diferentes. (Docente, sexo masculino)

Para este entrevistado, em função do conhecimento que possui, que lhe foi transmitido socialmente por outros sujeitos nas vivências quotidianas, parte do princípio que é mais fácil um homem gerir a questão de assédio sexual em relação à mulher. Então, neste

discurso notabilizámos que o docente se beneficia da questão de diferenciação de género para gerir a questão de assédio.

Feitas as análises das estratégias adoptadas pelos docentes do sexo feminino e do sexo masculino, concluímos que eles aplicam aspectos em comum para fazer gestão do assédio sexual. Os dois grupos de docentes recorrem a estratégia de imposição de limites ao estudante, por forma a saber ser e estar com o docente, em função do pré-estabelecido no regulamento pedagógico; por isso, não deve extrapolar além disso. Ademais, a ameaça e a rigidez foram outras formas que os docentes puderam destacar através da convivência com os estudantes, como um meio de protecção contra esta prática.

4.6- Os docentes não denunciam os casos de assédio sexual

Os dados da pesquisa mostram que, de uma forma geral, o corpo docente da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, não tem o hábito de efectuar denúncias sobre casos de assédio sexual.

A literatura aponta alguns factores que impedem que o homem realize denúncias, dentre eles, destacamos o preconceito, aliado a masculinidade. Segundo Costa (2021), a cultura machista, enraizada pela sociedade, leva a esses tipos de comportamento, devido ao facto de os homens recearem ser ridicularizados e ter a sua masculinidade questionada. Ainda na visão deste autor, os homens que se dizem vítimas de assédio sexual demonstram muita vergonha. A visão de supremacia masculina ainda existe, por isso eles tendem a ter resistência em relatar casos dessa natureza, pois acreditam que as pessoas poderão pensar que eles não são viris e não tem capacidade de gerir a situação.

No caso deste estudo, conforme referimos, os entrevistados não denunciam os casos de assédio sexual para evitar a sua exposição ou mesmo por concluírem que não há necessidade de submeter o caso às instâncias superiores da faculdade. Os depoimentos que se seguem são elucidativos:

Depoimento 1: *"Não, nunca senti necessidade de fazer isso, porque não gosto muito de exposição principalmente para esse tipo de assunto, porque sinto nos corredores e as vezes entre colegas que há aquele tipo de pessoas que gostam de coisinhas para criar assunto. Então, por causa disso não gosto de me expor. Prefiro não levar o caso a instituições de direito e tal".* (Docente sexo masculino)

Depoimento 2: *"das vezes que eu passei por isso, procurei primeiro conversar. Vi efeito, embora não na totalidade. Mas nunca cheguei de fazer denúncia. Eu primeiro procurei conversar e vi efeito pelo menos"*. (Docente, sexo masculino)

Depoimento 3: *"Não efectuei denúncia, porque não achei que fosse necessário. Eu acho que eu vou fazer uma denúncia se eu achar que a pessoa está a insistir ou está a passar dos limites, porque o apreciar ou gostar de alguém é normal. Ninguém é proibido de apreciar; também ninguém é proibido de demonstrar que gosta do outro, mas a partir do momento que eu mostro para essa pessoa que eu não estou confortável com a abordagem e a pessoa insistiu, então eu acho que preciso de meter queixa"*. (Docente, sexo masculino)

Como podemos notar, o não recurso a denúncias de casos de assédio sexual é gerido através de chamadas de atenção aos estudantes. Por isso, os docentes optam por manter uma conversa com eles de modo a conscientizá-los e a desencorajar à prática de assédio sexual não só no ambiente académico, mas também noutras esferas sociais.

5- Considerações finais

Foi nosso interesse, neste presente estudo, abordar acerca do assédio sexual protagonizado por estudantes contra os docentes da Universidade Eduardo Mondlane, concretamente da Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Com esta pesquisa, pretendíamos analisar as estratégias que os docentes adoptam para proteger-se do assédio sexual. Em função dos resultados obtidos no campo, aferimos que o assédio sexual protagonizado por estudantes é um fenómeno real e verifica-se de diversos modos em diferentes fóruns académicos.

Ainda com base nos dados recolhidos, observámos que os docentes possuem algumas experiências em função das vivências sobre o assédio sexual e em contrapartida adoptam diversas estratégias para fazer a gestão deste fenómeno.

Assim, verificámos que os docentes do sexo feminino recorrem, com maior frequência, a estratégia de imposição de limites para manter distanciamento com os estudantes de modo a evitar que estes envolvam assuntos pessoais na esfera académica. Os dados demonstram ainda que estes docentes buscam apenas manter aproximação entre docente e estudante em assuntos de cariz académico, ou seja, limitam-nos para não extrapolar para assuntos que não sejam de cunho académico.

Através dos depoimentos dos entrevistados, constatámos também que os docentes do sexo masculino acreditam que o assédio sexual é mais invasivo para docentes do sexo feminino, pois para além de ser constrangedor, fere a sua identidade. Alguns docentes pautam por uma postura de rigidez para com os estudantes. Pois, partem do princípio que se forem a dar abertura, eles irão extrapolar os limites; os estudantes não vão saber se colocar na sua posição, por isso afirmam que a rigidez visa buscar mostrar-lhes qual é o seu lugar, ameaçando-os com as regras pré-escritas no regulamento pedagógico para que saibam que em caso de tentativa de assédio sexual contra o docente, incorrem a uma sanção.

A outra estratégia adoptada pelos docentes consiste em recorrer à conversação de modo a perceber se o estudante passa por algum problema ligado a questões familiares ou profissionais que pudessem estar a influenciar a sua mudança da postura.

Podemos referir, em geral, que estas estratégias por um lado surtem efeito e por outro lado não, isto é, os casos de assédio sexual ainda persistem no campo social, em particular em diversos fóruns académicos.

Observamos também, que os docentes não realizam denúncias contra os estudantes assediadores por forma a evitarem expor a sua imagem.

Por último, é de salientar que os docentes atribuem um significado negativo ao assédio sexual por se tratar de uma prática que lhes cria um grande constrangimento no processo de ensino e aprendizagem.

6- Referências Bibliográficas

- Alkimin, M. A. (2006). Assédio moral na relação de emprego. Curitiba: Juruá.
- Alves, F. (2018). Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar: as influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher, Brasil.
- Amorim, C. (2021). Muitas vezes, nós não dizemos nada: representações, percepções e incidência do assédio sexual entre estudantes da Universidade do Minho, Portugal.
- Araújo, A. Souza, R., Teixeira, A. (2020). Percepção e ocorrência de assédio em ambientes acadêmicos, Brasil.
- Barbosa, M. (2021). Assédio sexual em uma escola pública do município de abaetetuba/pa. V.9, n. Especial, p. 110-127.
- Benedito, L. (2019). Assédio sexual nas relações de trabalho, Brasil.
- Bourdieu, P. (2002). A dominação masculina. Bertrand, Brasil.
- Cartensen, G. (2016). Harassment Sexual reconsidered: a zona forgotten gray. *Nora-Nordic Journal of Feminist and gender Research*, 24, 267-280.
- Coelho, E. Lindner, S. Silva, A. (2014) *Violência: definições e tipologias*, Florianópolis.
- Coelho, B. Costa, D. Torres, A. Sousa, I. Sant'Ana, H. (2016). *Manual de Formação para prevenir e Combater o Assédio Sexual e Moral no local de trabalho: trilhos para a tolerância zero*, Lisboa.
- Costa, A. (2021). Homens não denunciam, mas também são vítimas de assédio sexual, Brasil.
- Crusoé, N. Santos, E. (2020). Fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: *contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa*. Vol.13. n. 32, Brasil.
- Dias, J. Garca, L. Caramaschi, S. (2019). Assédio Sexual: Uma análise do conceito entre o público universitário feminino. *Revista Educação em Debate*. Fortaleza. Nº 79, p.22-34.
- Ferraz, A. (2017). *Docentes assediadores: o assédio sexual na Universidade de Brasília*, Brasil.

- Frade, F. (2021). Manual para a Prevenção do assédio, abuso e violência sexual em meio escolar, Guiné Bissau.
- França, M. Souza R., Pereira C. (2020). Violência de género e assédio sexual em uma Universidade Pieuiense: aproximação ao campo de estudo, Brasil.
- Freitas, M. (2001). Assédio moral e assédio sexual: *faces do poder perverso nas organizações*. São Paulo.
- Fukuda, R. F. (2012). Assédio Sexual: uma leitura a partir das relações de género. Simbiótica, UFES, Espírito Santo.
- Gouws, A. Kritzinger A. (1995). Sexual Harassment of students: A case study of a South African University. South African.
- Grobler P. (2003). A model for the management of sexual harassment in South Africa companies. South Africa.
- Hiroyogen, C. (2012). O assédio sexual nas Universidades Brasileiras. Carta Potiguar. Rio Grande do Norte.
- Johnson, A. (1997). Dicionário de Sociologia. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.
- Janssen, D. (2016). O assédio sexual? Docente e aluno. <http://phmp.com.br/artigos-e-publicações/artigo/o-assédio-sexual-docente-e-aluno/>.Último
- Lima, E. (2017). Assédio sexual em uma instituição de ensino superior: a percepção das servidoras da Universidade federal do Ceará, Fortaleza.
- Magalhães, M. J. Guerreiro, A. Pontedeira, C. Felgueiras, R. e Teixeira, A. M. (2009). Assédio Sexual: percepção dos jovens portugueses. *Psiquiatria, Psicologia e Justiça*, 15, 1-62.
- Manzini, E.J; Simão, L.M. (2001) Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo por meio de interações verbais. Unesp, Marília.
- Massarongo-Jona, O. Samuel, E. Teles, N. Wacitela, D., (2021). O Assédio Sexual no Espaço Universitário. UDZIWI, Maputo.
- Melo, C. (2019). O assédio sexual no contexto universitário português: a experiência de ser assediado dentro faculdade, Portugal.

- Movimento de Educação para Todos. (2019). Maputo. <https://mept.org.mz>
- OMS, Organización Mundial de la Salud. Informe sobre la salud em el mundo (2001), Ginebra.
- Pampolona, R. (2001). O assédio sexual na relação de emprego, São Paulo.
- Pereira, J. (2020). Assédio sexual horizontal e a possibilidade de acolhimento pelo código penal Brasileiro, São Mateus.
- Rampazo, A. Teixeira J. (2017). Assédio sexual no contexto académico da administração: o que os lábios não dizem, o coração não sente, Belo Horizonte.
- Ramos, W. (2019). O assédio sexual entre os muros da universidade: investigando situações vivenciadas por académicas de enfermagem, Campina Grande.
- Rosa, T. (2017). O poder em Bourdieu e Foucault: Considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar, Brasil.
- Schutz, A. (1972). Fenomenologia del mundo social; introducción a la sociologia comprensiva. Tradução poe Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Paidos, 1972. Tradução de: Der sinhafte aufbau der sozialen welt. S.L.
- Schutz, A. (1979). Fenomenologia e Relações Sociais. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- Senado, F. (2011). Cartilha Assédio Moral e Sexual. Brasília.
- Silva, F. Silva, L. (2018). Chega de assédio: visibilizando o assédio sexual no contexto universitário, Brasil.
- Souza, T. (2020). Investigando o assédio sexual em universitárias; a violência de género na Universidade Federal de Góias/Regional Jataí. vol.17, n°47, Rio de UNESA, Janeiro.
- Teixeira, J. Rampazo, A. (2017). Assédio sexual no contexto acadêmico na administração: o que os lábios não dizem, o coração não sente?.
- Torres (Coord.), A. D. Sant’Ana, H. Coelho, B. e Sousa, I. (2016). Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho (1ª). Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE).
- Oliveira, T. (2001). Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. Vol.2 n°3, s.l.

Osório, C. (2007). A socialização escolar: Educação familiar e escolar e violência de género nas escolas. Maputo.

7. Anexos

Estudantes assediadores: um estudo sobre gestão de assédio adoptadas pelos docentes da FLCS-UEM, 2021

Guião de entrevista

Secção I

Dados sócio-demográficos

- 1- Idade
- 2- Sexo
- 3- Residência
- 4- Nível de escolaridade
- 5- Estado civil
- 6- Ocupação

Secção II: Percepções sobre o assédio sexual

- 7- O que entende por assédio sexual?
- 8- Alguma vez foi assediado por uma estudante?
 - a) Como é que foi?
 - b) Qual foi a faixa etária da estudante?
 - c) Qual foi o turno: laboral ou pós-laboral?
 - d) Quais foram as insinuações que a estudante usou?

Secção III: Significado atribuído ao assédio sexual

- 9- Quais são as experiências que tem em relação ao assédio sexual?
- 10- Como classifica o fenómeno de assédio sexual?

Secção III: Estratégias de gestão de assédio sexual

- 11- Que estratégias os docentes adoptam para gerir o assédio sexual protagonizado pelas estudantes?
- 12- O que o docente deve fazer ou faz para proteger-se do assédio sexual?
- 13- Alguma vez já realizou uma denúncia por casos de assédio sexual? Porquê?